



## Nem o fogo nem o aço: considerações sobre os embates entre Berserkir e clérigos na conversão da Islândia

Ana Clara Thomazini Racy  
Universidade Federal Fluminense

Pablo Gomes de Miranda  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações acerca dos conflitos descritos nas narrativas das Sagas Islandesas, entre os Berserkir e o clero que adentra o território islandês para converter a população de colonos que lá se encontrava. Os Berserkir são guerreiros que estão presentes em várias sagas, são homens identificados com a figura de Odin, uma das divindades do panteão das antigas religiosidades escandinavas, enquanto os clérigos tentam por diversas vezes inserir-se na sociedade islandesa e começar a conversão, tendo como patrono o rei Ólaf Tryggvason. Os conflitos que aparecem em nossas fontes tomam a forma de duelos, nos quais a fé cristã entra em prova direta contra os poderes sobrenaturais dos Berserkir, esses que não podem ser feridos nem por fogo e nem por aço. Apesar de nos concentrarmos no Íslendingabók e na Kristni saga como fontes, o nosso interesse é traçar um panorama abrangente e recolocar esses personagens no contexto da sociedade islandesa: quem são? Como estão organizadas no âmbito das narrativas escandinavas?

## Neither fire nor steel: some considerations on the conflicts between Berserkir and clergy in the conversion of Iceland

**Abstract:** The present work aims to make some considerations about the conflicts described in the Icelandic Saga's narratives, between the Berserkir and the clergy, who enters the territory to convert the settlers' population that was there. The Berserkir are warriors that are presents in several sagas, they are men identified with the figure of Odin, one of the deities of the ancient Scandinavian religiousness, while clergymen tried many times to insert themselves in the Icelandic society and start the conversion, having as patron the king Ólaf Tryggvason. The conflicts that appeared in our sources take the form of duels, in which the Christian faith clash in directly proof against the supernatural powers of the Berserkir, those that cannot be injured by fire nor steel. Although we focus on Íslendingabók and Kristni saga as sources, our interest is to trace a comprehension overview and replace these characters in the context of Icelandic society: who are they? How they are organized under the Scandinavian's narratives?

\*\*\*



## Introdução

A Islândia é uma ilha localizada no centro do Atlântico, a oeste da Noruega, a uma distância de 1287km.<sup>1</sup> Com um cenário inóspito, suas paisagens são formadas por vulcões e gelo, onde a lava e as pesadas camadas glaciares, provenientes dessa contradição natural, cobrem cerca de ¾ da superfície local. Dessa maneira, seu cultivo e colonização estão concentrados nas áreas costeiras e nos vales do sul e do sudoeste.

Já conhecida pelos Vikings antes da data tradicional de 860, por três exploradores: Gardar Svavarson, Naddod e Floki Vilgerdason (o primeiro Sueco e os dois últimos noruegueses) (WILSON, 2005: 77). Alguns motivos especulados pelas fontes,<sup>2</sup> apontam para a política do rei norueguês Haraldr cabelos-belos, com sua campanha guerreira e a transgressão as antigas leis dos proprietários locais (o óðal) resultando na unificação da Noruega,<sup>3</sup> ou ainda “outros sustentaram que a colonização foi incitada pela escassez de terras nos lugares de origem” (GRAHAM-CAMPBELL, 1997: 170).<sup>4</sup>

Para além de várias narrativas que nos contam as ações e circunstâncias que levaram à colonização da Islândia, o *Íslendingabók* de Ari Þorgilson nos traz preciosas informações acerca dos primeiros colonizadores. O *Íslendingabók* (1122-33) foi escrito para os bispos Þorlákr (1118-33) e Ketill (1122-45) por Ari, sendo que este é considerado como o pai da história dos islandeses, tratando, em sua obra, do assentamento e da conversão ao cristianismo baseado nos moldes europeus e numa longa tradição de história oral. Registra-se, também, nessa obra um dos primeiros usos do termo “Islandês”, tendo por intuito construir uma distinção entre a identidade islandesa da norueguesa.

O *Landnámabók* e a *Kristni Saga* têm ambas muitas características em comum, pois são centrados na tradição oral, tratando da genealogia e da lei. Porém a *Kristni Saga* já possui seu

---

<sup>1</sup> Distância convertida, estabelecida em cerca de 800 milhas (GRAHAM-CAMPBELL, 1997: 169).

<sup>2</sup> Além de várias sagas, ver os documentos latinos *Historia Norvegiae* e *Historia de Antiquitate Regum Norvagesium* (esse escrito por Theodoricus Monachus).

<sup>3</sup> Acerca dessa unificação, da campanha militar e dos aspectos políticos da formação do território norueguês, consultar MIRANDA, 2011.

<sup>4</sup> Graham-Campbell (1997) também sustenta que o território já era conhecido pelos povos da Grã-Bretanha e Irlanda, tendo em vista o aparecimento do território denominado de “Thule” como cenário das andanças de santos celtas, ou ainda de fenômenos próprios da Islândia (como o sol da meia-noite) que já constavam em relatos em pelo menos sessenta ou setenta anos antes da ocupação viking da Islândia. Ainda que o autor indique não haver nenhuma prova arqueológica dessa ocupação, um artigo publicado pela *Iceland Review*, de 06 de junho de 2011, mostra que recentes escavações em Hafnir, na península de Reykjanes, têm trazido à tona estruturas datadas entre 770 e 880, o que abre novamente a discussão sobre a ocupação do território islandês antes dos vikings (sobre esse assunto, consultar: <[http://www.icelandreview.com/icelandreview/daily\\_news/A\\_New\\_View\\_on\\_the\\_Origin\\_of\\_First\\_Settlers\\_in\\_Iceland\\_0\\_378670.news.aspx](http://www.icelandreview.com/icelandreview/daily_news/A_New_View_on_the_Origin_of_First_Settlers_in_Iceland_0_378670.news.aspx)>



estilo de escrita mais associado às sagas, por conter um número considerável de versos skáldicos, por exemplo. Pode-se associar o Landnámabók e a Kristni Saga com o Íslendingabók, pois, no estudo das sagas, uma das primeiras teorias demonstra que originalmente o Landnámabók foi compilado a partir de uma primeira versão do Íslendingabók, e o restante do material, que foi encontrado, se encaixou nos moldes das duas outras obras, Ísleningabók e Landnámabók, e entrou na Kristni Saga.

Esta última obra está inserida mais dentro dos padrões das hagiografias de uma Europa latinizada do que o Íslendingabók e apresenta aspectos de uma história missionária; contendo conflitos entre pagãos e cristãos, milagres realizados, os *exempla*, o simbolismo cristão. A obra foi preservada num manuscrito medieval intitulado Hauksbók, escrito de próprio punho por Haukr Erlendson após sua versão do Landnámabók. Em algumas das primeiras edições da Kristni Saga, afirma-se que essa foi escrita por Haukr no início do século XIV, porém vários estudos posteriores mostram a imprecisão desta datação, refutando-a e apontando a Kristni saga como uma espécie de continuação do Landnámabók, escrita em meados do século XIII.

Até meados do século XIII (entre 1262 e 1264, no reino de Hákon Hákonarson, também conhecido como “o Velho”), a Islândia manteve um sistema jurídico e legislativo próprio, além de ser palco de diversos acontecimentos narrados pelas sagas, dentre os quais as primeiras contendas entre os Berserkir e os missionários cristãos. Mais do que caracterizar simples figuras literárias, aquilo a que nos propomos, neste trabalho, é problematizar os embates entre os missionários e os Berserkir, grupos que representam uma disputa entre unidades étnicas de diversas influências sobre o território islandês, à procura de se estabelecer na região ou, ao menos, exercer alguma influência e domínio.

Em relação aos missionários, estes fazem parte de um conjunto de confluências políticas escandinavas de fins do século X e princípios do XI (fortemente relacionados às formações dos reinos escandinavos<sup>5</sup>), quando as primeiras missões de conversão foram fortemente encorajadas pela realeza norueguesa. Assim, o afastamento do bispo Klaeng de Skálholt, em 1174, dependeu da aprovação do arcebispo da Noruega, Eysteinn Erlendson (BYOCK, 2001: 329). Outra vez, em 1237, o arcebispo de Niðarós rejeitou os candidatos para o bispado islandês e colocou-se a frente do desenvolvimento político e eclesiástico da região (SIGURÐSSON, 2008: 576).

---

<sup>5</sup> As ligações entre o poder secular e o religioso neste contexto de formação dos reinados escandinavos é abordado por BAGGE, 2005.



## Algumas considerações sobre os Berserkir nas sagas islandesas

Os Berserkir são descritos usualmente como guerreiros que lutavam ensandecidos em batalhas, de maneira tal que não sentiam dor e nem precisavam de armadura. O relato mais antigo está no *Haraldskvæði*, um poema composto por Thorbjörn hornfloki para o rei norueguês Haraldr, Cabelos-belos (HOLMAN, 2009: 43). As sagas lhes apresentam de diversas maneiras, como guerreiros que são parte especial dos exércitos do rei Haraldr, abençoados pelo deus Odin, ou ainda como perigosos foras da lei que adentram a Islândia em busca de terras e mulheres para o seu bando. É, também, frequente, a sua identificação com a figura do lobo e do urso.

Mas, o que significa os embates entre ambos (embates dos quais os Berserkir sempre levam a pior) e em quais circunstâncias consistem esses acontecimentos? Assim, o objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações acerca dos conflitos descritos nas narrativas das Sagas Islandesas, entre os Berserkir e o clero que adentrou o território islandês para converter a população de colonos que lá se encontrava.

O relato escrito mais antigo sobre os Berserkir, do qual temos notícias, está no *Haraldskvæði*: “Ficaram aguardando agachados e cobertos com escudos brancos, prontos para lutar contra ventos do oeste e espadas francas, rugiram os Berserkir, a eles foram a batalha, uivaram os Ulfheðinn, batendo armas”<sup>6</sup>. Junto às descrições mais antigas encontradas nas sagas dos reis, a definição usual para berserkir tem sido: “Guerreiros vikings que lutavam tão ferozmente no campo de batalha que não precisavam de armadura e não sentiam dor” (HOLMAN, 2009: 43).<sup>7</sup>

Os primeiros relatos caracterizam os Berserkir (junto aos Úlfheðnar<sup>8</sup>) como uma hoste de guerreiros especializados e selecionados para compor uma parte especial dos exércitos dos reis escandinavos.<sup>9</sup> É importante, no entanto, mostrar que essa figura guerreira que integra os exércitos, atuando como corpo regular, tanto para os choques iniciais contra os oponentes quanto para desestabilizar as forças inimigas (GRIFFITH, 1995: 135), é representado de outras maneiras nas sagas islandesas.

<sup>6</sup> Hlaðnir vöru hölda ok hvíttra skaljda, vigra vestrænna ok valskra sverða; grenjuðu berserkir, guðr vas á sinnum, emjuðu ulfheðnar ok ísörn dúðu” (Haraldskvæði, 9-16).

<sup>7</sup> “... Viking warriors who fought so fiercely in battle that they did not need armor and did not feel pain”.

<sup>8</sup> Para uma abordagem das relações entre a figura do Berserker e do Úlfheðinn consultar MIRANDA, 2010a.

<sup>9</sup> Dumézil (2003: 171), em sua análise da *Ynglingasaga*, escreve: “correspondentes terrestres dos einheirjar que rodeiam Óðinn no outro mundo, os primeiros berserkir míticos o serviam quando governava o Upland sueco”.



De modo geral, os Berserkir aparecem quase sempre como guerreiros que surgem durante as festividades de fim de ano para roubar mulheres e duelar com os colonos a fim de conseguir suas terras. Na *Grettis saga*, fica claro o incômodo do *jarl* Eirík com o número de guerreiros que havia ido à Islândia a fim de saquear esse território, não obstante, ele proíbe os duelos jurídicos e busca o apoio de chefias islandesas para que pudesse coibir a ação dos saqueadores.

Essa representação aparece de uma figura guerreira que vem, normalmente, de fora do território islandês (Noruega e Suécia), aparecendo nas festividades de fim de ano para tomar mulheres e terras, faz surgir questionamentos ao redor de sua constituição: qual a parcela de intervenção da religião na caracterização dos Berserkir nas sagas escandinavas do período cristão?

A imagem corrente do Viking é bastante plausível, uma vez que as atividades de pirata e de guerreiro que lhes são atribuídas parecem coerentes com o que sabemos autenticamente sobre estes Vikings dos séculos IX e X <sup>10</sup> (TULINIUS, 2005: 237).

Não é incomum o aparecimento dos Berserkir nas sagas islandesas e ainda que sejam raros os conflitos com os missionários fora da *Kristni saga* e *Íslendingabók*: na *Brenú-Njál saga* o Berserkr Otrygg é derrotado pelas artimanhas de Þangbrandr, (missionário presente também nos relatos da *kristni Saga* que foi enviado à Islândia pelo rei Norueguês Oláf Tryggvason) que o enfraquece com fogo abençoado e o desarma usando um crucifixo, além de trespassar o Berserkr com uma espada (*Brenú-Njál saga* 104); na *Vatnsdæla saga*, o bispo dois Berserkir, chamados Haukr, aparecem no Yule para duelar com os homens e roubar suas mulheres, os mesmos uivam, mordem seus escudos e andam sobre brasa quente, mas são vencidos graças às artimanhas do bispo Friðrekr, que os fazem andar sobre brasas abençoadas. Enfraquecidos, são açoitados com porretes (já que o aço não pode feri-los) (*Vatnsdæla saga*, 46).

## Os missionários e a conversão da Islândia

Voltemos para a *Kristni saga* e o *Íslendingabók*, a fim de observarmos alguns conflitos entre os missionários e os Berserkir. De maneira geral, eles não se ocupam apenas dos Berserkir, mas

---

<sup>10</sup> L'image du Viking qui s'y déploie est à bien des égards tout à fait plausible, car les activités de guerrier et de pirate qui y sont décrites semblent conformes à ce que nous pouvons savoir sur celles d'authentiques Vikings aux IX e X siècles.



de mudar hábitos religiosos diversos dos Islandeses, o que está presente em ambas as narrativas (fatos narrados, personagens etc.).

No segundo capítulo da *Kristni Saga*, quando o bispo Friðrekr e Þorvaldr vão para Giljá e lá encontram uma das pedras onde os islandeses costumavam praticar sacrifícios (nela viveria um espírito da pedra); O bispo encaminha-se a ela e entoava cânticos e salmos até que a pedra se quebra; assim, Kōðran e todos os seus parentes recebem o batismo, exceto seu filho Ormr que continua sendo pagão.

Þorvaldr e o bispo estavam em Giljá para as celebrações de outubro, depois de viajarem por diversas regiões da Islândia em missão. Dois Berserks aparecem gritando e intimidando as pessoas, que solicitaram ao bispo que destruísse aqueles Berserks: o bispo consagrou o fogo sobre o qual os Berserks iriam caminhar e, como resultado, estes ficaram severamente queimados. Depois disso, as pessoas ali presentes os atacaram e mataram. Muitos que então presenciaram aquelas cenas foram batizados. Aqui se percebe claramente o *exemplum* cristão, porque depois de haver ocorrido tal evento, em que os cristãos saíram vitoriosos, desacreditando os pagãos, inúmeras pessoas teriam aceitado receber o batismo.

Na primavera, Þangbrandr viajou para Oeste para encontrar Gestr, o Sábio. Então, um Berserk norueguês chamou-o para um duelo, que foi aceito. O Berserk afirma, então, que andaria descalço sobre o fogo em brasa até o local onde havia colocado sua espada, e que não sofreria nenhum dano em seu corpo. Þangbrandr consagrou o fogo e fez o sinal da cruz sobre a espada. O Berserk queimou seus pés quando atravessou o fogo, e depois, caindo sobre a espada, foi transpassado por essa e morreu. Depois disso, Gestr e alguns amigos seus que presenciaram a morte do Berserk foram batizados, inclusive muitos bons homens, segundo a *Kristni Saga*, que apesar de serem pagãos ficaram satisfeitos com os acontecimentos.

Johnni Langer (2010), em sua análise da *Brennu-Njáls saga*, aponta que esses conflitos podem estar ligados tanto a uma reminiscência da memória social nativa da Islândia, quanto uma dicotomia criada entre os missionários e os Berserks (no caso estudado, seria o missionário Þangbrandr e o Berserk Otyrgr). O pesquisador acredita que há uma crítica social implícita na saga em questão, quando analisa uma possível substituição da figura do deus Thor por Ólaf Tryggvason (na *Óláfs saga Tryggvasonar en mesta*), além do declínio do deus Odin:

Existe, obviamente, o reconhecimento da superioridade da nova religião, mas o episódio da conversão aponta para uma crítica ao domínio político de então,



por meio do descrédito com a figura de Odin. Já para com o deus Thor, seu poder sobre as forças da natureza permanece inalterado. Com isso, o islandês, seja o camponês ou o aristocrata, conserva seu espírito de liberdade e de identificação com um passado considerado melhor, mas agora regido por uma nova religião e um novo direcionamento político-social (LANGER, 2010: 160).

No sexto capítulo, sobre Stefnir, a saga nos conta: O rei Óláf mandou Stefnir para a Islândia em missão cristã, mas quando ele chegou, as pessoas o receberam muito mal, pois todos lá eram pagãos. E, enquanto viajava pelo norte e pelo sul e ensinava ao povo a verdadeira fé, pouco valor foi dado aos seus ensinamentos. Quando Stefnir percebeu então seu vão esforço, começou a destruir templos, lugares de adoração e ídolos. Então, naquele verão, no Alþing, decidiu-se que Stefnir seria condenado pelo fato de ser cristão. Pode-se perceber, contudo, que ele havia sido expulso em razão de seus atos de destruição e não pelo fato de ser cristão, como já afirmado anteriormente.

Outrossim, seria importante ressaltar o fator explicitamente político acerca da conversão, como é demonstrado no capítulo XI sobre Kjartan. A saga diz que esse, que era pagão e islandês, no dia das festividades de São Miguel, com a vinda do rei, foi indagado por Óláf se desejava se converter, ao que Kjartan prontamente respondeu que, se tivesse a mesma honra que ele tinha na Islândia, prometeria jamais retornar lá. Assim, Kjartan foi batizado com a promessa do rei. Nesta mesma festividade Þangbrandr conta ao rei tamanha animosidade que vem sofrendo por parte dos pagãos na Islândia e Oláf, irado, condena alguns pagãos à morte, tirando as posses e prendendo outros.

Hjalti e Gizurr afirmam, ainda no capítulo XI, que o rei Óláf declarou que aqueles que aceitassem o batismo com boa vontade não deviam ser punidos. Gizurr também diz que, pelas ações pouco ortodoxas de Þangbrandr, como, por exemplo, haver matado muitos homens pela Islândia, as pessoas dificilmente deixariam de tratá-lo como um estrangeiro. Assim, o rei diz que tomará alguns homens bem nascidos como reféns até que efetivamente o Cristianismo tenha progresso na Islândia, como desejava Hjalti em seu discurso. Em decorrência disto, muitos homens foram batizados, inclusive Hallfrøðr, ficando o próprio rei responsável por seu batismo, nomeando-lhe “Poeta Aborrecido” (pelo fato de haver negado antes o batismo) e presenteando-lhe com uma espada para confirmar a alcunha dada.



## Conclusão

Ainda que os primeiros escritos fossem feitos dentro do seio cristão, com os trabalhos perdidos de Sæmundr Sigfússon e Ari Þórgilson (anteriores ao *Íslendingabók*, que foi mencionado no começo desse artigo), a escrita das sagas pertence também a um domínio secular. O que acontece na Islândia no começo do período pós-conversão, as famílias de maior influência política passam a controlar os poderes clericais e assim tomam conta da produção das narrativas sobre o passado dessa região. Mais tarde, a crise política na Islândia, nos séculos XII e XIII, propicia o patrocínio da escrita das sagas, como parte do fortalecimento dos poderes familiares que disputam entre si o domínio de inteiras regiões (*ríkis*) da Islândia.

Por outro lado, também houve uma tentativa de supressão dos poderes seculares sobre os domínios clericais, no fim do século XII, quando o bispo islandês Þorlak Þorhallsson (1178 – 1193) busca o fim do concubinato entre as chefias islandesas e o controle das propriedades da igreja, dando início a uma disputa na qual as influências das famílias e de suas lideranças começam a se submeter cada vez mais às participações ativas dos bispos islandeses e noruegueses nas assembléias jurídicas. Em 1237, por exemplo, o episcopado de Níðarós cancela a nomeação de um bispo por seu envolvimento com os poderes seculares e políticos da Islândia (BYOCK, 2001: 330).

Esse balanço entre os poderes seculares (as várias chefias regionais) e os poderes clericais (os bispos, principalmente) está presente nas linhas das narrativas medievais islandesas e os desafios encontrados pelos primeiros missionários, patrocinados pelo rei norueguês Ólaf Tyrsgvason, nos parece estar atravessado por idéias de um contexto político-religioso próprio e por interesses extraterritoriais em uma Islândia que se tornava cristã tardiamente em relação a diversas outras regiões da Europa. Em meio a este processo de memória da cristianização, os duelos entre missionários e Berserkir encontram-se posicionados de maneira a validar e a demonstrar a soberania dos missionários sobre esses saqueadores.

Não podemos afirmar que as disputas com os Berserkir sejam feitas exclusivamente em oposição aos missionários e à atividade de conversão por eles desempenhada. Nem que tais eventos sejam invenções de maneira à simplesmente opor os personagens das sagas a algum desafio. Algumas sagas<sup>11</sup> nos mostram que os guerreiros vikings se tornam um problema social

---

<sup>11</sup> Entre as *Íslendingasögur*, existem representações de Berserkir na *Brenú-Njál saga*, *Egils saga Skallagrímssonar*, *Eyrbyggja saga*, *Gísla saga Súrssonar*, *Grettis saga* e *Vatnsdæla saga*, *Víga-Glúms saga*. Esse número aumenta se levamos em consideração os outros gêneros de sagas (reais, fantásticas, etc).





na Islândia, principalmente depois que perdem o financiamento e apoio da realeza norueguesa, lançando-os a terras que esperam conquistar.

Certamente que a vitória dos missionários sobre os Berserkir não possuiu o mesmo significado em comparação à vitória de uma figura leiga sobre as mesmas figuras, porém como o processo de conversão dos presentes é sempre acompanhado da morte, humilhação e expulsão dos saqueadores, o que está implícito não é a simples vitória do cristianismo sobre o paganismo da Islândia, mas o ato de suprimir quaisquer resistências a sua instalação.

A ideologia cristã, neste caso, não opera e divulga-se com base em inverdades, pois é tributária de uma verossimilhança calcada na memória das comunidades islandesas. Neste âmbito, como revela a redação das sagas, o tema dos duelos contra os Berserkir era recorrente. O que se produz, com base no discurso da conversão, é a configuração dos missionários, promotores da nova fé, como a efetiva solução para o problema social representado pelos Berserkir.



## Bibliografia

ADALSTEINSSON, Jon Hnefill (1999), *Under the Cloak: A Pagan Ritual Turning Point in the Conversion of Iceland*, University of Iceland Press, Reykjavík.

ANÔNIMO (2000), *Egils saga Skallagrimssonar*, Tradução ao inglês por Bernard Scudder, The Saga of the People of Vatnsdal, In: *The Sagas of Icelanders*, Nova York, Penguin Books.

ANÔNIMO (2000), *Vatnsdæla saga*, Tradução ao inglês por Andrew Wawn, The Saga of the People of Vatnsdal, In: *The Sagas of Icelanders*, Nova York, Penguin Books.

ANÔNIMO (2006), *Kristni saga*, Tradução ao inglês por Siân Grønlie, The Saga of Conversion, In: *Viking Society of Northern Research Text Series Vol. XVIII*, Exeter, Short Run Press.

ANÔNIMO (2008), *Ágrip Af Nóregskonungasögum*, Tradução ao inglês por Matthew J. Driscoll, Exeter, Short Run Press Limited.

ANÔNIMO (s/d), *Grettis saga*, Tradução ao inglês por G. H. Hight, The Saga of Grettir the Strong, Disponível em: <http://www.northvegr.org/sagas%20annd%20epics/icelandic%20family%20sagas/grettirs%20saga/001.html> acesso em 02 de setembro de 2011.

ANÔNIMO (s/d), *Víga-glúms saga*, Tradução ao inglês por Beau Salsman, Disponível em: <http://www.northvegr.org/sagas%20annd%20epics/icelandic%20family%20sagas/viga%20glums%20saga/index.html> acesso em 02 de setembro de 2011.

BAGGE, Sverre (2005), *Christianization and State Formation in Early Medieval Norway*, *Scandinavian Journal of History*, 30, 2, p. 107-134.

BYOCK, Jesse L. (1990), *Medieval Iceland: Society, Sagas and Power*, University of California Press, Berkeley.

BYOCK, Jesse L. (2001), *Viking Age Iceland*, Londres, Penguin Books.

DUMÉZIL, Georges (2003), *El Destino Del Guerrero*, México, Siglo XXI.

EAGLETON, Terry (1997), *Ideologia*, São Paulo, Boitempo.



GRAHAM-CAMPBELL, James (1997), *Os Viquingues: Origens da Cultura Escandinava*, 2 vols., Madrid, Del Prado.

GRIFFITH, Paddy (1995), *The Viking Art of War*, Londres, Greenhills Books.

HOLMAN, Katherine (2009), *The A to Z of The Vikings*, Toronto, Scarecrow Press.

LANGER, Johnni (2009), *Deuses, Monstros e Heróis: ensaios de mitologia e religião viking*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília.

LANGER, Johnni (2010), A Cristianização Escandinava nas Sagas Islandesas, In: Johnni Langer e Luciana de Campos orgs., *A Religiosidade dos Celtas e Germanos*, São Luís, UFMA/Gráfica Santa Clara, p. 143-164.

MIRANDA, Pablo Gomes de (2010a), Seguindo o Urso e o Lobo: Discussões Sobre os Elementos Religiosos dos Berserkir e dos Ulfheðnar, *História, imagem e narrativas*, 11. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao11outubro2010/urso-lobo-berserker.pdf>> acesso em 23 de setembro de 2011.

MIRANDA, Pablo Gomes de (2010b), Assembléias e Disputas Legais nas Sagas Islandesas: uma leitura da Hrafnkels saga Freysgoða, *Alétheia*, 1. Disponível em: <[http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/Miranda,\\_Pablo\\_Gomes\\_de.pdf](http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/Miranda,_Pablo_Gomes_de.pdf)> acesso em 23 de setembro de 2011.

MIRANDA, Pablo Gomes de (2011), *Poder e Sociedade na Noruega Medieval*, Vitória, DLL/UFES.

ÓLASSON, Vésteinn (2005), Family Sagas, In: MCTURK, Rory McTurck ed., *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*, Oxford, Blackwell Publishing, p. 101-118.

SAWYER, Birgit and Peter Sawyer (2000), *Christianization and Church Organization: from conversion to reformation, circa 800-1500*, The Nordic Series, v. 17, p. 100-128, The University of Minnesota: Londres.

SEE, Klaus von (2001), Snorri Sturluson and the Creation of a Norse Cultural Ideology, *Saga Book*, 25, p. 367-395, Disponível em <<http://www.vsnrweb-publications.org.uk/Saga-Book%20XXV.pdf>> acesso em 22 de setembro de 2010.



SIGURÐSSON, Jón Viðar (1975), Iceland, In: Stefan Brink and Neil Price eds., *The Viking World*, New York, Routledge, p. 571-578.

STRÖMBÄCK, Dag (1975), *The Conversion of Iceland: a survey*, Viking Society for Northern Research, University College London.

STURLUSON, Snorri (2007), Haralds saga hins hárfagra, Tradução ao inglês por Lee M. Hollander, The Saga of Harald Fairhair, In: *Heimskringla*, History of The Kings of Norway, Austin, University of Texas Press.

STURLUSON, Snorri (2007), Ynglinga saga, Tradução ao inglês por Lee M. Hollander, The Saga of Ynglings, In: *Heimskringla*, History of The Kings of Norway, Austin, University of Texas Press.

TULINIUS, Torfi H. (2005), La Conversion du Viking: l'image du guerrier païen dans les sagas islandaises, In: Boyer Régis ed., *Les Vikings, Premiers Européens*, Paris, Editions Autrement, p. 225-253.

VÉSTEINSSON, Orri (2000), *The Christianization of Iceland – Priests, Power, and Social Change 1000-1300*, Oxford University Press, Nova York.

WILSON, David M. (2003), *The Vikings and Their Origins*, Londres, Thames & Hudson.

## Sobre os autores

Ana Clara Thomazini Racy é graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense, com pesquisa na área de História Medieval.

Pablo Gomes de Miranda é mestrando em História dos Espaços pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do NEVE - Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos.

